

A MORTE NO OCIDENTE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DA MORTE NO OCIDENTE E SUAS REPRESENTAÇÕES HISTÓRICAS.

Enock Douglas Roberto da Silva (1); Maria Valnice da Silva (2); Orientador Prof. Dr. Paulo Augusto Tamanini (3)

- (1) Universidade Federal Rural do Semi-Árido Ufersa enockdouglas@hotmail.com
- (2) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte UERN valnicecanao@hotmail.com
- (3) Universidade Federal Rural do Semi-Árido Ufersa paulo.tamanini@ufersa.edu.br

Resumo: Nas culturas humanas, desde a mais primitiva, há formas de ritualização do cadáver e da morte, mostrando que o homem desde os primórdios se preocupou com o destino de sua alma e o lugar reservado para si na vida pós- morte. A origem dessa preocupação com a morte é evidenciada através de pesquisas realizadas pelas diferentes ciências do homem através de pesquisas arqueológicas e de estudos sobre as diferentes formas de comportamento do homem face à este mistério que figura como um grande ponto de interrogação sobre o sentido da existência humana. Portanto, esta pesquisa objetiva analisar as representações imagéticas acerca da vida e da morte no ocidente através dos estudos dos ritos e costumes funerários, de modo a pensar a respeito da sensibilidade dos indivíduos em relação à morte, bem como algumas transformações operadas nesse âmbito. A estratégia de análise privilegiará o estudo do imaginário sociocultural dessas pessoas e os significados sociais que a morte adquiriu no decorrer do tempo. A pluralidade cultural expressa no espaço do cemitério também foi analisada na intenção de mostrar como o cemitério, através da sua simbologia, expressa a estreita relação entre a sociedade analisada e os significados sociais dos cemitérios, os ritos funerários e a morte. A pesquisa se utilizará da metodologia de pesquisa bibliográfica, utilizando de escritas e pesquisas anteriores acerca da temática, para tanto, recorreremos a autores como CHAUI (2000), ARIES (2003) e BONJARDIM (2010), como suporte teórico da nossa pesquisa. Com os estudos, percebemos que para entendermos por que a morte se tornou o que é hoje, motivo de medo e de repulsa é necessário que voltemos no tempo para que possamos perceber as mudanças ocorridas nas formas de lidar com a morte.

Palavras-chave: História, morte, imagens, representações.

Introdução

Dentre as formas de vida existentes na terra, os seres humanos se caracterizam como a mais espetacular, não só pela sua complexidade biológica, como também pela sua forma de se comportar e de ver o mundo à sua volta. O ser humano é a única espécie dotada de cultura, ou seja, é a única espécie que consegue dar significado ao mundo que o rodeia, e esses significados são gerados através de signos e linguagem. Ele não só reorganiza o ambiente em que vive como também o transforma, através da atividade racional e do trabalho. Enquanto as outras espécies se conservam por meio do instinto natural, o homem transforma seu ambiente, tornando possível a cultura e a humanização, conseqüentemente transformando a si mesmo.

A partir do momento em que os homens adquiriram consciência através de processos biológicos evolutivos que causaram transformações na estrutura do seu cérebro, ele passou a indagar sobre si mesmo, sobre sua própria existência, sobre a finalidade e o sentido da vida; a partir daí lentamente vão surgindo as grandes indagações metafísicas; de onde viemos? Para onde vamos? Qual o sentido da vida? Quando os nossos ancestrais primitivos faziam as pinturas rupestres durante o período que costumamos chamar de “pré- história”, essas pinturas não tinham como objetivo apenas um mero ato decorativo. A análise dessas figuras revela um retrato do mundo imaginário dessas pessoas, ou seja, foram as primeiras manifestações da crença em um mundo sobrenatural. Quando os seres pré-históricos pintavam um bisão eles acreditavam que aquele ato poderia propiciar o sucesso na caça desses animais. Não se tratava de um pensamento religioso, porém, era um pensamento mágico, abstrato.

Ao voltar seu olhar para o horizonte e para os mistérios da natureza, o ser humano passou a se preocupar com os mistérios da vida, e a sua preocupação se voltou para o maior destes mistérios: a morte. A preocupação com a morte sempre esteve presente nas diferentes sociedades ao longo dos tempos. As angústias sobre a finitude sofrem transformações de acordo com a sociedade e com a época, com diferenciações na forma de encarar a morte e de conviver com os mortos. A morte é um acontecimento que coloca em evidência a finitude do homem, a sua insignificância perante o universo infinito. Para Marilena Chauí: “morrer é um ato solitário. Morre-se só: a essência da morte é a solidão. O morto parte sozinho, os vivos ficam sozinhos ao perdê-lo. Resta saudade e recordação.” (CHAUI p.366).

Para entendermos por que a morte se tornou o que é hoje, motivo de medo e de repulsa é

necessário que voltemos no tempo para que possamos perceber as mudanças ocorridas nas formas de lidar com a morte. “o mais antigo indício da existência de um espaço para a morte consequentemente seu culto é encontrado nos enterramentos do homem de Neandertal, nos quais, além dos ossos são encontrados pólen, ossos de animais, ornamentos e restos de minérios (produtores de tinta)” (BONJARDIM *ET al.* 2010). Como podemos perceber, já na pré - história os ritos mortuários eram carregados de simbologia, indicando que eram ritos de passagem, alguns corpos eram enterrados na posição fetal na esperança de que o morto pudesse renascer no útero da mãe terra, portanto, o homem primitivo estava em contato direto com a natureza e esse contato contribuía para a forma de enterrar os mortos. Os corpos eram enterrados em covas de 5 metros com a cabeça voltada para o sol poente simbolizando os ciclos da finitude na natureza. “para o ser humano primitivo a morte definitiva não existia e continuava sua vida em outro mundo. A relação dialogada com o universo cósmico e o reino vegetal e animal comprovam essas transformações constantes: o que nasce, morre e renasce. A imortalidade se identifica com o princípio de todas as coisas, restaurado em seu estado primordial” (CARVALHO, 2001).

Representações da morte na antiguidade oriental

Já na antiguidade oriental os egípcios foram o principal exemplo de como a morte e os ritos funerários estavam relacionados à sua própria maneira de viver. Os egípcios foram descritos pelos gregos como o povo mais religioso da terra sem nenhum exagero, pois a forma como eles viviam e o respeito dedicado aos mortos estava inserido de tal forma no seu dia- a- dia que uma coisa não estava separada da outra. Antes mesmo de Platão aparecer com a ideia dualística de corpo e alma, os egípcios já acreditavam nessa dualidade em uma esfera intrinsecamente ligada a sua religiosidade, através de uma complexa relação entre o rio Nilo e os outros elementos da natureza, ligando natureza- vida e morte. Os egípcios tinham um deus dedicado ao mundo dos mortos, o deus Osíris, ele não recompensava os homens nessa vida, mas em outra vida, por isso eles acreditavam na reencarnação, e isso transparecia através de sua cultura mortuária, com as práticas de mumificação, construção de túmulos suntuosos dedicados aos mortos etc. eles acreditavam que a alma do morto voltaria a habitar no seu corpo carnal, por isso a necessidade da mumificação dentre outras práticas. Havia também o livro dos mortos, uma espécie de manual de receitas e práticas ensinando o morto a se comportar na outra vida para que pudesse ser absorvido no tribunal de Osíris.

Na antiguidade clássica passa-se a ocorrer mudanças mais acentuadas: “apesar da familiaridade com a morte, os antigos temiam a proximidade dos mortos e os mantinham à

distância. Honravam as sepulturas- nossos conhecimentos das antigas civilizações pré- cristãs provém em grande parte da arqueologia funerária, dos objetos encontrados nas tumbas. Mas um dos objetivos dos cultos funerários era impedir que os defuntos voltassem ao mundo dos vivos” (ARIÈS. 36). Na Roma antiga os cemitérios eram localizados fora das cidades, os melhores locais eram junto das estradas, onde quem passava podia ver os túmulos e recordar os antepassados, aliás, o sentimento de imortalidade fazia parte da mentalidade romana e o respeito para com os mortos era de grande importância para os romanos. Na Roma antiga existiam dois ritos principais: a incineração e a inumação: na incineração colocava-se o cadáver dentro de uma pira, onde depois se recolhia as cinzas numa urna e colocava em um túmulo. Para a inumação o corpo era colocado num caixão e posto numa cova.

“Na Grécia antiga a morte tinha um sentido de continuidade tanto na sua concepção metafísica quanto na sua manifestação ritualística. Ao morrer, o homem grego entrava em harmonia com o cosmo e perdia a sua individualidade. “era através dos rituais e” monumentos funerários que os gregos procuravam evitar a perda completa da individualidade, pois a tumba individualiza aquele a quem se dedicava, em conjunto com os ritos funerários preservavam a memória individual do indivíduo” (HUMPREYS, 1980: apud SANTOS p.348).

A sociedade grega valorizava questões relacionadas à manutenção da honra e do status social e isso transparecia nos seus ritos funerários. Para eles, ser renegado ao esquecimento era considerado a verdadeira morte, por isso os parentes dos que morriam faziam de tudo para manter viva a memória do morto. As etapas que o morto enfrentava para adentrar no mundo dos mortos fazia parte de um processo onde tinha a participação dos mortos e dos vivos, que deveriam cumprir os rituais necessários para propiciar a aceitação do morto no seu novo lugar.

Os gregos tinham um notável zelo para com seus mortos, que se consubstanciava nos ritos de lamentação, no enterro e nas manifestações rituais desempenhadas também na tumba que era, em geral, marcada por construções e objetos de diversos tipos”. A tumba não só abrigava o corpo inerte e constituía a nova morada do morto, como guardava um importante conteúdo simbólico, veiculando significados sobre o ritual da qual era subproduto e sobre as relações sociais nele envolvidas (ARGOLO. 2001 apud SANTOS, p. 352).

Portanto, a morte para os gregos estava carregada de significações e simbologias que transparecia nas práticas rituais através de sua escatologia que tinha a ideia de que a morte era uma longa viagem realizada em várias etapas, onde a participação dos vivos era de importância crucial, pois a morte para eles era um processo que se realizava na esfera sobrenatural e aqui na terra. Os ritos funerários para os gregos não estavam resumidos apenas ao ato do funeral e do sepultamento, mas de muitas outras práticas, como visitas dos familiares aos túmulos, oferendas de alimentos, cerimônias etc. essas práticas pós-morte eram tão importantes e valorizadas quanto o funeral em si,

pois na mentalidade grega a demonstração de luto por parte dos vivos era um elemento de crucial importância para a manutenção da honra do morto e também da própria família e essas demonstrações de luto variavam de acordo com o grau de parentesco de cada um.

O luto também tinha suas implicações sociais, éticas e morais, na medida em que eles variavam de localidade para localidade e muitas vezes questões relacionadas à herança, por exemplo, dependiam do grau de demonstração de apreço ao morto, na maioria das vezes este papel era desempenhado pelas mulheres. Aliás, as mulheres desempenhavam um papel muito importante no que se refere aos ritos funerários, não porque se tratasse de questões relacionadas ao status da mulher ou porque ela fosse considerada inferior aos homens.

“O que devemos destacar é que a participação da mulher era fundamental, não por que ela fosse vista como inferior e, assim, mais apta a realizar o “trabalho sujo”, mas sim porque ela era detentora de um saber ritual”. Em virtude disso, elas não podiam ser substituídas em determinadas funções rituais, ou seja, em alguns cargos religiosos que eram ocupados por sacerdotisas “(SOURVINOU-INWOOD, idem)”.

Dessa forma, o saber feminino era tido como um saber mágico que tinha na figura das sacerdotisas seu principal exemplo, sem falar que existia uma estreita relação entre a fertilidade feminina e os ritos de passagem, aliás, a importância da mulher não estava restrita somente aos ritos fúnebres e sim a todos os ritos de passagem como casamentos e nascimentos. Embora sua participação nesses ritos fosse à maioria das vezes reservadas à esfera doméstica, muitas vezes sua influência ultrapassava essa dimensão, na medida em que na sociedade políade Não se podia separar religião de política, ambas faziam parte do corpo social. Sendo assim, a autora do texto citado levanta a questão da participação da mulher no universo político daquela sociedade, de uma forma indireta. Afora essas considerações podemos destacar que o papel das mulheres nos rituais funerários fazia parte de uma complexa relação com o mundo cultural grego expresso na homogeneidade desses ritos e suas relações com aspectos relacionados ao imaginário, ligado a concepções de fertilidade, sexualidade, sentimentos de pertencimento a terra e até mesmo poder.

A partir do final dos anos 90 do século passado a historiografia brasileira foi invadida por publicações e pesquisas relacionadas ao campo da história cultural, correspondendo hoje, este campo de pesquisa, a 80% da historiografia nacional. Com o crescimento cada vez maior desta área da história, conseqüentemente ocorreu uma ampliação dos objetos de estudos e um diálogo cada vez mais ascendente com as disciplinas auxiliares da história, como a antropologia, a sociologia, a filosofia etc. isso ocorreu principalmente devido à crise dos grandes paradigmas explicativos da história como o materialismo histórico e o racionalismo científico, que tinha no positivismo historicista sua base de sustentação. “nos últimos trinta anos nos” deparamos com várias histórias notáveis de tópicos que anteriormente não se havia pensado possuírem uma história, como, por

exemplo, a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira e a limpeza, o gesto, o corpo, a feminilidade, a leitura, a fala e até mesmo o silêncio. O que era previamente considerado imutável é agora encarado como uma “construção cultural” sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço “” (BURKE, pág. 111), dentro dessas novas abordagens e novo objeto de estudos surge dentro da escola dos annales a partir da segunda metade do século XX o interesse pela temática da morte e do além- túmulo, fazendo com que este tema se consolidasse no seio da história social e ganhasse uma projeção cada vez maior.

Dentre estes historiadores não poderíamos deixar de citar os estudos de Philip Ariès que através da relação natureza- cultura na perspectiva da longa duração apresentou a trajetória do homem face à morte e sua relação com este fenômeno onipresente mostrando as mudanças que foram ocorrendo lentamente na sociedade ocidental com uma sensibilidade atemporal e um engajamento pessoal no trato com a questão. Suas principais obras que abordam o assunto são “o homem diante da morte “e” “história da morte no ocidente”, em história da morte no ocidente o autor vai trabalhar na primeira parte do livro com a subjetividade, através das atitudes diante da morte, e na segunda parte, com a objetividade através dos seus “itinerários” mostrando as principais mudanças nas formas de lidar com a morte.

A “morte domada” segundo Ariès é a forma mais antiga de convivência com a morte, nesse caso a morte seria anunciada através de sonhos e presságios e o sujeito tomaria as providências para a sua própria morte. “o primeiro ato é o lamento da vida, uma evocação, triste mais muito discreta, dos seres e das coisas amadas, uma súplica reduzida a algumas imagens” (ARIÉS pág. 32) não se morria sem antes saber que vai morrer, a morte era esperada com calma e sobriedade numa antiga atitude onde a morte era tranquila e serena. A morte do moribundo era assistida por parentes amigos, inclusive pelas crianças. Ao contrário de hoje, quando se morre sozinho no leito de um hospital, na idade média a morte era um ato público, o quarto do moribundo se enchia de parentes, amigos e visitantes.

Outro aspecto importante durante este período era a coexistência entre os vivos e os mortos. Os cemitérios da idade média eram muito diferentes dos que conhecemos hoje, nos cemitérios medievais as pessoas moravam, namoravam, dançavam, comiam e até comerciavam. “também neste asilo intitulado cemitério onde se enterravam ou não, decidiu-se construir casas e habitá-las. O cemitério designava, então, senão um bairro, ao menos um quarteirão de casas gozando de certos privilégios fiscais e dominiais. Enfim, este asilo tornou- se um local de encontro e de reunião como o foro romano, a piazza major ou o corso das cidades mediterrâneas, um local

destinado ao comércio, à dança e aos jogos, simplesmente pelo prazer de se estar junto” (ARIÈS. PP 43,44) o cemitério era um lugar de cidadania que fazia parte da urbanidade da cidade. Durante a idade média muitas mudanças ocorreram no que se refere às práticas de enterramento. Os chamados enterros “ad sanctos” eram aqueles em que algumas pessoas abastadas eram enterradas no átrio das igrejas e às vezes próximo ao altar. Esse costume teve início com o culto aos mártires surgidos na África no início da idade média, quanto mais perto das igrejas mais chance o morto tinha de ser absorvido no dia do juízo final. Aliás, a partir do século XII a ideia do juízo final vai estar cada vez mais presente na mentalidade do homem medieval, pouco a pouco a ideia de familiaridade com a morte vai adquirindo um sentido mais dramático através da representação do juízo final. Cada homem é julgado segundo o “balanço de sua vida” e essa grande cena se passa no quarto do moribundo, momentos antes de sua morte. Vale ressaltar que este espetáculo é reservado somente ao moribundo, só ele presencia a grande cena contemplando com um pouco de inquietude e muita indiferença. Uma cena onde há uma disputa pela alma do moribundo protagonizada pelo bem e o mal.

“Durante a segunda metade da idade média, do século XII ao século XV, deu-se uma aproximação entre três categorias de representações mentais: as da morte, as do reconhecimento por parte de cada indivíduo de sua própria biografia e as do apego apaixonado as coisas e aos seres possuídos durante a vida. A morte tornou-se o lugar em que o homem melhor tomou consciência de si mesmo” (ARIÈS, pág. 58).

De acordo com Ariès as mudanças ocorridas com as formas de lidar com a morte vão ocorrendo lentamente, daí a dificuldade do historiador em analisá-las. As mudanças transparecem nos ritos nas atividades e no imaginário das pessoas. Outro fenômeno que Ariès chama a atenção é para a individualização das sepulturas. Se na antiguidade os túmulos eram identificados com uma inscrição fúnebre, nos primeiros séculos do cristianismo essas inscrições desaparecem devido aos enterros “ad sanctus” onde os defuntos eram abandonados às igrejas. A partir do século XII as inscrições funerárias reaparecem, primeiramente nos túmulos dos personagens ilustres, tornando-se mais frequentes durante o século XIII e adquirindo outro significado: a evocação da identidade do defunto.

A partir do século XVIII o homem das sociedades ocidentais passa a dar um sentido cada vez mais dramático à morte. Se antes a “morte de si mesmo” era temida, agora ele passa a temer a “morte do outro”. Esse sentimento é que vai dar origem ao culto aos mortos e aos cemitérios, um fenômeno estritamente religioso, característico das sociedades modernas. “aqueles que não vão à igreja vão sempre ao cemitério, onde se adotou o hábito de pôr flores nos túmulos. Aí se recolhem,

ou seja, evocam o morto e evocam sua lembrança” (ARIÈS, p.75). Este culto aos mortos é também consequência do patriotismo nacionalista do século XIX, que teve no positivismo de augusto comte sua base de sustentação. Isso ocorreu devido à necessidade de se prestar homenagens aos soldados mortos através da construção de monumentos funerários e festas cívicas em homenagem ao dia dos mortos. A partir daí o túmulo é considerada uma segunda morada, uma propriedade particular do morto, os parentes irão visitar os túmulos como se fosse à casa de um parente ou de um amigo, o cemitério passa a ser a cidade dos mortos no mundo dos vivos.

Outro conceito utilizado por Ariès é o de “morte interdita”. Para ele a morte interdita é a morte que se tornou objeto de interdição por parte da sociedade atual. Se antes a morte era familiar e presente na vida cotidiana, hoje ela se apaga, desaparece, o homem moderno foge da ideia da morte e procura escondê-la, afastando-a do seu dia-a-dia. “Outro fator que está na origem desse sentimento encontra-se na preocupação dos parentes em evitar o sofrimento do moribundo e poupá-lo da gravidade do seu estado, procurando esconder a verdade ao máximo possível.” Esta aceleração é devida a um fenômeno material importante: o deslocamento do lugar da morte. Já não se morre em casa, em meio aos seus, mas sim, no hospital, sozinho.” (ARIÈS, p.85). o sociólogo Norbert Elias, no livro **A solidão dos moribundos** mostra que nas sociedades avançadas a morte foi estigmatizada, transformada em tabu. De acordo com Elias as pessoas sentem dificuldades em se relacionar com os doentes principalmente pelo fato de que essas pessoas se sentem imortais.com isso, elas elaboram mecanismos psicológico de defesa contra a ideia da morte, evitando o contato com os moribundos, pois esse contato mostraria a elas a fragilidade de sua existência. Esses mecanismos são desenvolvidos devido a impulsos de morte gerados na infância e que são reprimidos gerando um recalque da morte.” esse problema individual do recalque da ideia da morte anda de mãos dadas com problemas sociais específicos. “Nesse plano, o conceito de recalque tem um sentido diferente”. (ELIAS, p18) esse recalque está integrado no processo civilizatório ocorrido na sociedade ocidental. Elias concorda com Aries no que diz respeito ao isolamento sistemático dos moribundos, porém discorda em outros aspectos como, por exemplo, a ideia de que a morte na idade média era uma morte tranquila e calma. Para Elias, Aries vê a história como pura descrição, acumula imagens e mais imagens da época medieval tentando mostrar a mudança total. Para ele, o livro de Áries é rico em evidências, porém peca na questão da interpretação das fontes, sabemos que durante a época medieval a morte era mais presente do que nos dias atuais, mas isso não significava que fosse mais pacífica. O homem medieval não dispunha da tecnologia que dispomos hoje para o alívio da dor na hora da morte. Morrer poderia significar

tormento e dor para o homem medievo. Sem falar que durante a idade média as pessoas temiam o que poderia lhes aguardar depois da morte. O medo do inferno e das terríveis criaturas que o habitavam eram constantemente difundidos pela igreja. Durante o século XIV este medo da morte foi ainda mais intensificado, pois as pessoas acreditavam que estavam sendo castigadas pela peste negra. “Sem falar que muitas fontes utilizadas por Áries eram os romances medievais que ‘idealizavam’ a morte, ou seja, mostravam a morte como eles desejavam que ela fosse, e não, como ela realmente era a exemplo dos romances da tábua redonda.

Portanto, para Norbert Elias a morte mostrada por aries é uma morte romantizada, que mostra um quadro em preto e branco onde aparece um passado feliz e poético, onde as pessoas morriam em paz, em contraste com um presente inglório e triste onde as pessoas morrem sozinhas e abandonadas. “em resumo, a vida na sociedade medieval era curta; os perigos, menos controláveis; a morte, muitas vezes mais dolorosa; o sentido da culpa e o medo da punição depois da morte, a doutrina oficial.” (ELIAS p.23).

Outro autor que vai traçar interessantes reflexões relacionadas à temática da morte é Michel Vovelle. Através do interesse pelo problema da “descristianização” este autor tentou entender este processo através dos estudos das atitudes diante da morte e do além- túmulo, utilizando como fonte para seus estudos mais de 30.000 testamentos de morte. “dando atenção às mudanças ocorridas” no pensamento e nos sentimentos, com destaque para as referências feitas a proteção dos santos padroeiros, número de missas que o testador encomenda para a salvação de Sua alma, os arranjos feitos para os funerais e mesmo ao peso das velas acendidas durante as cerimônias. (Peter Burke. A escola dos annales, a revolução francesa na historiografia. SP, editora UNESP. 1991). Procurou, dessa forma, evidenciar o que ficou conhecido como a “pompa barroca” presente nos funerais do século XVII, bem como as mudanças ocorridas com estes rituais quando passaram a cerimônias mais simples durante o século XVIII.

Aqui no Brasil, seguindo a trilha aberta pelos historiadores dos annales, temos o trabalho do historiador João José reis, na sua obra **a morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**, o autor, através de um episódio que ficou conhecido como “cemiterada” ocorrido em 1836 no estado da Bahia revela com riqueza de detalhe e acurada sensibilidade intelectual, a cultura funerária desenvolvida na Bahia, apresentando elementos de descontentamento por parte da população, especificamente por parte das irmandades religiosas que eram contra as posturas sanitárias que estavam sendo implantadas em solo brasileiro. A doutrina dos “miasmas” desenvolvida principalmente na Alemanha, por parte de médicos higienistas pregava o fim dos

enterramentos nas igrejas, e próximos à zona urbana das cidades. Os corpos que estavam em processo de decomposição emanavam “vapores pestilentos” que prejudicavam a saúde da população. Os principais conceitos trabalhados por João José Reis serão analisados com mais detalhes no 2º e 3º capítulos do nosso trabalho, onde iremos fazer um estudo sociológico do cemitério municipal do município de Janduís RN e conseqüentemente uma análise mais acurada dos ritos funerários desta localidade.

Resultados

Neste trabalho analisei alguns aspectos dos ritos funerários, movido por um desejo de refletir a respeito da cultura mortuária e das relações que a sociedade estabeleceu com a morte e com os mortos ao longo destes anos. Procurei mostrar o quanto a morte tem implicações sociais na vida das pessoas da comunidade, incluindo jovens, adultos e crianças. As práticas rituais relacionadas à morte e o morrer se inserem na formação do imaginário histórico-cultural dessas pessoas, interferindo diretamente no processo de socialização de todos os indivíduos da comunidade.

Nas culturas humanas, desde a mais primitiva, há formas de ritualização do cadáver e da morte, mostrando que o homem desde os primórdios se preocupou com o destino de sua alma e o lugar reservado para si na vida pós-morte. A origem dessa preocupação com a morte é evidenciada através de pesquisas realizadas pelas diferentes ciências do homem através de pesquisas arqueológicas e de estudos sobre as diferentes formas de comportamento do homem face à este mistério que figura como um grande ponto de interrogação sobre o sentido da existência humana. Há quem diga que a morte em si pode ser vista como o próprio sentido da vida. Todas as grandes narrativas elaboradas pelo homem, desde os mitos de criação das grandes culturas até os estudos sociológicos e antropológicos de pensadores da atualidade de alguma forma parecem se confluir para o dilema da morte, como se a vida fosse metaforicamente comparada a um grande rio que termina o seu curso no dilema da finitude. Portanto, a morte está sempre presente na vida das pessoas, de uma forma ou de outra. Está presente em nomes de ruas, em homenagem a pessoas que já morreram, está presente nas cerimônias onde ela não deveria nem ser pensada, por exemplo, no casamento: até que a morte os separe. Portanto, diariamente somos forçados a lembrar que essa grande festa que a gente insiste acreditar ser eterna, um dia irá acabar, tirando todas as nossas expectativas a respeito de uma imortalidade que o homem criou para amenizar essa que talvez seja a maior de suas angústias.

Portanto, o objetivo deste breve estudo é tentar de alguma forma entender por que as

pessoas elaboram mecanismos de inserção nessa esfera obscura da morte através de práticas rituais reelaboradas através da dinâmica social numa busca apaixonada pela explicação da finalidade do morrer. Nessa longa trajetória percorrida pela humanidade na busca interminável de se relacionar com a finitude, as atitudes perante a morte passaram por diversas transformações, desde o sentimento de continuidade da vida para os nossos ancestrais primitivos, que enterravam seus corpos na posição fetal, na esperança de um renascimento em outra vida ao sentimento de familiaridade com a morte na idade média, chegando ao sentimento de medo e repulsa denunciado por phillipe Ariès na sua *história da morte no ocidente*. Hoje a morte é um processo mecânico e cada vez mais solitário. Morre-se sozinho num leito de um hospital, longe dos parentes e amigos e o médico é quem decide a hora de sua morte. O homem foi afastado cada vez mais de sua própria morte e conseqüentemente dos seus rituais.

Considerações finais

Tais mudanças foi aqui pensadas a partir do diálogo com os autores procurando um entrelaçamento entre teoria e prática, assumindo contornos bem definidos que assumem uma singularidade antropológica no caso específico aqui abordado. Ou seja, foi constatado que a morte, os ritos e tradições em seu entorno estão presentes no imaginário sócio-cultural da sociedade na medida em que a morte e suas implicações filosóficas transparecem nas formas de religiosidade do povo expressos através dos seus rituais fúnebres e do espaço cemiterial, revelando formas de lidar com a morte herdada no tempo da memória dessas pessoas. Essa memória cultural foi revelada através dos depoimentos orais que conseguimos captar, bem como na simbologia expressa no ambiente cemiterial. Os narradores relataram sobre um tempo em que a familiaridade com a morte estava mais presentes na vida dessas pessoas. Os relatos sobre a morte trouxeram à tona também relatos sobre histórias de vida que podem ser transmitidos às novas gerações para que a ponte entre o passado e o presente não fique perdida na penumbra dos tempos.

É claro que, este trabalho deixa muitas lacunas, que podem ser preenchidas em trabalhos posteriores, pois sabemos que o discurso histórico é constantemente reelaborado e a nossa intenção aqui não foi de criar uma conclusão definitiva, porém, a interpretação histórica se faz a partir de várias experiências e de vários depoimentos que mostram os diferentes pontos de vista sobre determinados assuntos. Procuramos apoiar nosso estudo situando-o no limiar da história social e da história cultural, pois acreditamos que o entendimento dos ritos funerários se situa nessa perspectiva

de dar voz à cultura do povo, do homem comum, muitas vezes marginalizado pelo chamado “discurso competente” que dá status às manifestações que muitas vezes estão desvinculadas da realidade das pessoas que realmente necessitam que a sua voz e a sua forma de ver o mundo e encarar a realidade sejam percebidas.

Referências bibliográficas

ARIÈS, Phillipe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BONJARDIM, Solimar Guindo Messias et al: **a morte do cristão em transformação: as cidades e o espaço da morte**. In: revista de história e estudos sociais:

BURKE, Peter. **A escola dos annales (1929-1989) a revolução francesa da historiografia**- São Paulo, UNESP, 1997

CARVALHO, Fernando Lins de. **Simbologia dos ritos funerários na pré-história**. In: revista Canindé. Disponível em:

CYMBALISTA, R. **Cidade dos vivos: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do estado de são Paulo**. São Paulo: annablume/FAPESP, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**, editora ática, são Paulo, 2000.

Da MATTA, Roberto. “A morte nas sociedades relacionais: reflexões a partir do caso brasileiro”, in **a casa e a rua**. Rio de Janeiro, Guanabara. Koogan, 1991.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos: seguido de “envelhecer e morrer”**, rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FREITAS, Eliane Tânia Martins: **memória, ritos funerários e canonizações populares em dois cemitérios do rio grande do norte**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 2. Ed.petrópolis: vozes, 1983.

MANO, Marcel. **A cerâmica e os rituais funerários: xamanismo, antropofagia e guerra entre os tupis- guarani**. In: revista interações v.4 n.5/p.111 128,2009. Disponível em:<<http://200.233.146.122:81/revistadigital/index.php/revistainteracoes/article/viewFile/103/90>>. Acesso em: 25/ 07/2013

REIS, João José, **Amorte é uma festa; ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**-São Paulo companhia das letras, 1991.

SANTOS, Sandra Ferreira. **Ritos funerários na Grécia antiga; um espaço feminino**. Disponível em:<<http://www.nea.uerj.br/Anais/coloquio/sandraferreira.pdf>>Acesso em:01/09/2013
VOVELLE, Michel. **Imagens e imaginário na história**. São Paulo: Ática, 1997.